

Cultura e Tradições negras no Mesquita: Um estudo da matrifocalidade numa comunidade remanescente de quilombo

Suelen Gonçalves dos Anjos¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar os resultados finais do projeto de iniciação científica vinculada ao programa PIBIC-UniCeub/CNPq e ao grupo de estudos “PADÊ: estudos em filosofia, raça, gênero e direito humanos”, a pesquisa teve por objetivo verificar a permanência de práticas culturais de matriz africana na comunidade remanescente de quilombo “Povoado do Mesquita” situada a 24km de Luziânia-GO. Tal investigação foi realizada sob uma perspectiva de gênero e, uma vez que entendemos ser a matrifocalidade o ponto central da existência das comunidades negras e afro-descendentes empenhamo-nos em verificar o papel das mulheres negras na preservação e transmissão de práticas materiais e simbólicas de origem africana na comunidade do Mesquita. As categorias gênero e raça, as teorias das representações sociais, da análise, do discurso e do cotidiano nortearam nosso trabalho.

Palavras-chave: historia da cultura afro-brasileira, história regional, história das mulheres, matrifocalidade

Culture and black traditions in Mesquita: A study of matrifocal in a community of quilombo remaining

Abstract: This article has as an aim to report the final outcomes of the scientific beginning project linked to the PIBIC – UniCEUB / CNPq project and group of studies known as “PADÊ”: studies in philosophy, race, gender and human right”, the research has as aim to check the stay of cultural practices of African origin in the *quilombo* remaining community namely “Povoado de Mesquita” situated 24 km from Luziania in the state of Goias. Such investigation was achieved under a perspective of gender, and since the matrifocal is understood as being a central point of the existence of black communities and African descendants. The role of black women was checked in the preservation and transmission of material and symbolical practices from black origin in the community of Mesquita. The gender and race categories, the theories of social representations, the analysis, the discourse and the everyday guided the work.

¹ Licenciada em Historia pelo Centro Universitário de Brasília- UniCEUB. Orientadora: Dr^a Joelma Rodrigues da Silva, Faculdade de Ciências da Educação - FACE , curso: licenciatura plena em História, UniCEUB – Centro Universitário de Brasília

Key words: history of African Brazilian culture, regional history, women history, matrifocal.

Introdução

O Povoado do Mesquita, uma comunidade remanescente de quilombo goiano, foi o cenário escolhido para a realização do projeto de iniciação científica vinculado ao programa PIBIC-UniCeub/CNPq e ao grupo de estudos “PADÊ: estudos em filosofia, raça, gênero e direito humanos”, ao longo do artigo serão apresentados os resultados de trabalhos realizados junto a comunidade durante um ano e quatro meses.

No Brasil a família patriarcal africana terá fortalecida sua matrifocalidade, isto é: sob a escravidão, as mulheres negras serão, na maior parte dos casos, as únicas responsáveis pela manutenção da cultura material e simbólica, além da sobrevivência dos membros do grupo familiar. Serão elas as figuras centrais dessa nova família estruturada sob a escravidão e no período pós-abolição. As mulheres negras no Brasil que, quando escravas eram “negras de ganho”, quando livres passaram a negociar bens materiais e simbólicos; a respeito do trabalho feminino desenvolvido nos dois lados do atlântico, Terezinha Bernado informa:

“Fui para a África, encontrei as africanas ocupando o espaço público: estavam nas feiras, trocavam bens. Mas não eram só objetos materiais que elas trocavam, as trocas dirigiam-se também para os bens simbólicos: eram músicas, orações, danças, receitas para curar o corpo, receitas para aconchegar os corações.(...) Acompanhei essas mulheres na diáspora, em terras brasileiras presenciei as lutas para sua sobrevivência e a de seus filhos, uma vez que, no lugar da poliginia, grande parte das africanas e suas descendentes viveram a matrifocalidade. Saíram pelas ruas de grande parte das cidades brasileiras vendendo artigos de primeira necessidade, quitutes preparados com suas próprias mãos. Eram as famosas negras de tabuleiro. Foram também para as feiras, abriram suas quitandas e continuaram a trocar bens materiais e simbólicos.”²

² BERNARDO, Terezinha. **Negras, mulheres e mães : lembranças de Olga de Aleketu**. SP/EDUC, RJ/Pallas,2003. pp. 16

A família negra no Brasil irá, por pressão do modelo escravista, reformular sua organização e transmitir estas reformulações as suas descendentes. A respeito da família negra Russel-wood escreve:

“A discussão dos arranjos domésticos e familiares dos escravos deve centrar-se no papel e na condição da mulher. A instituição da escravatura, os caprichos dos donos e os costumes predominantes na América espanhola e portuguesa exerciam sobre as escravas uma serie de pressões sociosexuais. Estas milhavam contra uma família escrava composta de pai, mãe e filhos. Disso resultou a intensificação do papel da mãe e a tendência das famílias escravas de serem matrifocais.”³

A população negra no Brasil, durante aproximadamente 400 anos, foi marcada pelo trabalho escravo. Milhões de homens, mulheres e crianças reduzidos à condição de coisas/objetos/ferramentas construíram o que identificamos com as riquezas do país. A atual historiografia brasileira tem se esforçado para mostrar que os quatro séculos de escravismo não foram capazes de fazer calar as vozes d’África, sendo os quilombos a expressão mais concreta dessa resistência. “O negro só se humaniza pelo crime”, afirmou Jacob Gorender e os quilombos foram percebidos como um aglomerado de criminosos já que a fuga era crime passível de morte⁴.

Mesmo na tradicional historiografia brasileira os Quilombos são apresentados como símbolos da resistência negra. Espalhados por todo território brasileiro significam que em nenhum momento os escravos acataram a absoluta desumanização a qual eram submetidos. Se, como ensinou Foucault, “onde há poder há resistência”, e se a existência dos quilombos, seu número e duração nos dizem que a resistência foi uma constante no período escravista, a presença das comunidades remanescentes de quilombos nos informa tanto da recusa da sociedade brasileira em conviver com a presença dos negros livres e reconhecer que a liberdade implicaria necessariamente em cidadania, quanto da manutenção de formas de vida cotidianas herdadas da África e transmitidas de geração a

³ RUSSEL-WOOD, A.J.R. **Escravos e libertos no Brasil colonial**. RJ: Cvilização Brasileira, 2005. p.34.

⁴ Clovis Moura esclarece que “ (...)Não podemos deixar de ver o quilombo como um elemento dinâmico de desgaste das relações escravistas. Não foi a manifestação esporádica de pequenos grupos de escravos marginais, desprovidos de consciência social, mas um movimento que atuou no centro do sistema nacional, e

geração. Assim, é possível afirmar que a resistência negra se deu por meio da formação de espaços de luta e também pela preservação do simbólico.

A pesquisa bibliográfica nos mostra que as práticas culturais tradicionais protegidas por mãos femininas foram e são fundamentais para a existência do povo negro, Fernanda Carneiro assinala ser :

“(…) indiscutível a extraordinária força das religiões como fonte de aprendizado, apoio e sustento da existência negra no Brasil. Há muitas formas de proteger a liberdade humana movidas por algo de significação verdadeira. Impedir a desorientação ateuista entre os negros no Brasil colonizado, a isto, também, chamamos ética. A expressão estética ancestral se manifesta nos cultos e nos modos de viver, dançar, brincar, procriar, adoecer ou buscar a cura. E o sentir-se feliz em sua existência, comunica a ética negra. A expressão corporal negra retoma o devir das particularidades e garante uma continuidade e permanência étnica que não se justifica por leis naturais.”⁵

A formação do quilombo do Mesquita tem uma peculiaridade que é a imagem das três mulheres negras fundadoras da comunidade que legaram a preservação das tradições culturais de matriz africana. Em princípio, uma comunidade que possui - já no seu “mito fundador” - a imagem feminina, não poderia deixar de ter mulheres exercendo papéis de grande importância, por isso resta-nos verificar quais foram/são estes papéis e os modos como são apreendidos, interpretados e resignificados pelos membros da comunidade. Acreditamos que o esquecimento e desvalorização das tradições culturais de origem africana devem-se tanto ao racismo inscrito na estrutura da sociedade brasileira, quanto ao fato de terem sido as mulheres, as responsáveis pela guarda e transmissão dessa cultura, que é então duplamente desvalorizada. De maneira extraordinariamente forte, sutil e violenta,

permanentemente(...) MOURA, Clóvis. *Africa & Brasil*. In: Quilombos do Brasil, Revista Palmares nº5. Fundação Cultural Palmares/MinC, Brasília, 2000.

⁵ CARNEIRO, Fernanda. *Nossos passos vem de longe*. In: WERNECK, Jurema (org). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. RJ, Palla/Criola, 2000. p.24 (sublinhados meus)

racismo e machismo se conjugam e mantêm solidamente erguidas as muralhas do preconceito e da discriminação no Brasil contemporâneo.

Um breve histórico...

De acordo com a Associação Brasileira de Antropólogos :

“O termo Remanescente de quilombo hoje não se refere a resíduos ou resquícios de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar”.⁶

Embora o primeiro pensamento para remanescente remeta ao Quilombo de Palmares, atualmente, compreende-se por remanescentes, também as comunidades fundadas após o fim oficial (legal) da escravidão, ou seja, aquelas não fundadas por negros/negras fugidos/fugidas, mas por pessoas negras e livres que construíram espaços para sobrevivência , uma vez que o processo abolicionista foi extremamente excludente e perverso com a população negra e afro-descendente brasileira. A respeito da importância das comunidades quilombolas, a antropóloga Leinard Ayer de Oliveira esclarece ser preciso, primeiramente, mostrar

“ (...) que a data de 1888, embora seja um marco formal para os negros no Brasil, não tem importância central no que diz respeito aos quilombos. Enquanto vigora a escravidão, e sabemos que a Lei Áurea só vem formalizar uma realidade conquistada pelas populações negras uma vez que quase todos os escravos já se haviam libertado quando da assinatura da lei, os quilombos serão o único espaço onde muitos negros, excluídos pela nova ordem que se configura, poderão sobreviver física e culturalmente. Os quilombos

⁶ Comissão pró-índio de São Paulo: http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/oque/home_oque.html, acessado em 2001/2006

continuam representando a resistência negra. É, portanto, perfeitamente lógico falar-se em quilombos mesmo após 1888 (...)⁷

As Comunidades remanescentes de quilombos constituem grupos que compartilham uma identidade que os distingue dos demais. Tal identidade assenta-se em diversos fatores como: ancestralidade comum, estrutura de organização política própria, sistema de produção particular (inclui-se aí as formas específicas de exploração e relacionamento com a terra) e partilha de elementos lingüísticos e religiosos ou de símbolos específicos. A posse de algumas destas características possibilitou ao Povoado do Mesquita receber em junho de 2006 o título de Remanescente de Quilombo pela Fundação Palmares⁸.

O remanescente de quilombo Povoado do Mesquita localiza-se no município da Cidade Ocidental a 24 quilômetros da cidade de Luziânia, no estado de Goiás, entorno sul do Distrito Federal, possuindo pouco mais de 3 (três) mil habitantes. Formado há 150 anos, por uma população quase que totalmente negra, o Arraial do Mesquita, comporta descendentes dos escravos trazidos na época da mineração para a antiga cidade de Santa Luzia, hoje Luziânia,.

Os negros foram os primeiros moradores do Povoado do Mesquita numa região fortemente tingida pela escravidão. Em 1763, durante o período áureo da exploração das minas de ouro, a antiga Santa Luzia chegou a ter 16.529 habitantes, dos quais 12.900 eram escravos. Entretanto, a fartura do ouro durou pouco; de 1746 a 1775, neste período, muitos escravos foram mortos pela dureza da mineração, especialmente pela febre nascida do Ribeirão do Inferno, hoje Santa Maria.

Com o declínio da mineração, muitos senhores preferiram abandonar as terras na Capitania de Goiás, uma vez que esta se tornara local de difícil sobrevivência. Segundo os relatos, foi esse o momento em que três negras forras receberam as terras das mãos de seu antigo senhor, um certo “Mesquita”, e lá fixaram suas famílias. A fundação da comunidade, segundo seu mito fundador, ocorreu dessa forma.

⁷OLIVEIRA, Leinad Ayer de. *Identificação dos remanescentes das comunidades dos quilombos*. In: SUNDFELD, Carlos Ari (org). **Comunidades Quilombolas: direito à terra**. Brasília: Fundação Cultural Palmares/MinC, Ed. Abaré, 2002, p.69-86.

⁸ Conforme disposições da Lei n.º 6.165, de 2 de dezembro de 1998

A religiosidade é uma das características marcantes da comunidade. A Festa de Reis que ocorre em todo o estado de Goiás, também faz parte das festividades dessa comunidade e hoje é alvo de investimentos do governo⁹. O Estado tem incentivado financeiramente as atividades culturais dos Remanescentes de Quilombo, e este investimento deve-se sobretudo ao lucro advindo do turismo proporcionado pela realização das festas.

Cada família do povoado é responsável por sua produção, o excedente é vendido nas feiras da Cidade Ocidental, de Luziânia e do Plano Piloto. O doce de goiaba, a marmelada e a farinha de mandioca, que em sua feitura remete ao cotidiano do Brasil colonial, são exemplos dos produtos que são produzidos e vendidos pelo povoado.

Desde a construção da Cidade Ocidental, o Mesquita vem sendo privado, de forma contínua, da posse de suas terras. Isto se dá de três maneiras: pelas invasões de terceiros, pela compra para o estabelecimento de produção nos moldes do latifúndio monocultor, e pela especulação da terra - visando uma futura valorização para construção de condomínios, em decorrência disto, vemos a perda das antigas construções, verdadeiros documentos históricos que são sistematicamente derrubadas para construção de outras, de alvenaria ou apenas por ocuparem ,agora, terras privadas.

Grande parte dos moradores do povoado desloca-se diariamente ou semanalmente em direção a Brasília onde ocupam lugares subalternos no mercado de trabalho. O crescimento da migração dos mais jovens é um fato e um problema que deriva em grande parte da perda das terras da comunidade, eles saem à procura de novas oportunidades de trabalho e estudo nas cidades vizinhas (principalmente Brasília e Luziânia). Este movimento é responsável, em parte, pelo abandono e/ou perda de uma série de referências e práticas, uma vez que Brasília e Luziânia apresentam-se (e são percebidas) como “modernas” : logo hierarquicamente superiores ao universo de sentidos do Mesquita.

A partir da criação do Distrito Federal (DF) e do conseqüente crescimento da região do entorno, as migrações e emigrações na comunidade se tornaram mais freqüentes, resultando em modificações nas relações culturais, econômicas e

⁹ Nas entrevistas realizadas nas Secretarias municipais tivemos informações sobre investimentos principalmente do Governo Federal ligados a ações de promoção da cultura.

simbólicas na comunidade. A relação com a terra foi e continua sendo alterada pela conurbação urbana decorrente da criação da nova capital e a grande procura por espaços próximos a Brasília que levou muitos moradores a vender suas terras, bem como provocou invasões às terras de propriedade da comunidade, não é difícil encontrar casos de desapropriações indevidas, viabilizadas pelo poder econômico e político. Por fim, cito o exemplo de um processo – que tramita há sete anos - de desapropriação das terras onde hoje existe um condomínio na área da Região Administrativa (RA) de Santa Maria - DF. A população aguarda a decisão judicial a seu pedido de revisão da desapropriação das terras pelo governo do Distrito Federal e pede indenização justa pelas terras.

Em uma comunidade agrícola mudanças nas relações com a terra transformam toda a estrutura social vigente, os espaços das relações de gênero também são atingidos por essas mudanças, como demonstra a fala de d. Antonia:

“Nossa casa era perto da Marinha¹⁰, mas lá era terra do governo né? Ai a gente teve que se mudar, compramos casa aqui mais perto, perto da casa da Sandra. Lá a gente cuidava de tinha criação (de gado), aqui agora tem plantação de mandioca (...) eu ajudo mais na hora de fazer a farinha né?”¹¹

Nos tempos que se cuidava da criação dona Antonia cuidava apenas da sua horta, o gado era vendido para o matadouro e pronto, já a farinha exige um trabalho diferenciado e a sua participação ganha outra dimensão, mas não menos importância no que se refere a manutenção de atividades produtivas tradicionais que implicam diretamente na sobrevivência do grupo familiar. Na fala de d. Antonia, vemos ainda o que o discurso hegemônico é capaz de produzir: a Marinha tem o poder de dizer-se proprietária das terras e ao fazer isto, retira de d. Antonia a legitimidade de sua memória e história, sem poder de manter a posse da terra, d. Antonia *teve que se mudar* e alterar as relações de produção e a organização/distribuição do trabalho familiar, seu trabalho – hoje – é classificado como *ajuda*, sem lugar, d. Antonia também não se percebe com poder, nem centralidade.

¹⁰ A Marinha é um condomínio pequeno, perto de Santa Maria construído há cerca de 10 anos para funcionários da Marinha, fica localizado e próximo também a estação de rádio da Marinha.

¹¹ Antonia Pereira Braga, entrevistada em 10 de abril de 2006.

São mudanças como esta que nos permite perceber e confirmar as relações entre o território e as tradições. As formas de trabalho e as relações entre os gêneros são estruturadas e perpetuadas acopladas ao uso do território, o Mesquita sofre no período após a criação do DF, uma mutilação territorial. Além da criação dos novos municípios¹², um grande número de frações de terra foram vendidas a moradores do DF que procuravam áreas para a construção de casas de “fim de semana”. Dona Antonia fala de mais uma forma de mutilação que é a desapropriação de terras *do governo* que, com a expansão urbana do DF, foram reivindicados pela União.

As formas de mutilação condensaram a comunidade do Mesquita em um território consideravelmente menor e cercado de municípios, o que inviabiliza algumas atividades, no caso da família de Dona Antonia a pecuária extensiva foi substituída pela casa de farinha, e neste caso tanto o plantio de mandioca quanto de seu beneficiamento necessitam de espaços menores.

Estas transformações , notadamente perdas, no/do território do Mesquita, se dramaticamente experienciada pelos membros da comunidade, aparentemente é aguardada por outros setores da sociedade que , ao assinalar o “lá” e o “eles” realçam – pelo silêncio - a importância e centralidade do “nós”:

“(...) eu costumo dizer o seguinte: *lá* vai deixar de ser tradicional, o Mesquita vai acabar porque já tem gente de Brasília que comprou lá que está comprando sabe! Vai acabando com *aquela cultura que eles tem, vai chegar uma hora que só vai ter a Festa da Nossa Senhora de Abadia*”¹³ (itálicos nossos)

O espaço do cotidiano

O Cotidiano é um “espaço”, um lugar propriamente dito, e é neste lugar que interação entre indivíduo e grupo social, engendra personalidades, capacidades e comportamentos que se misturam em disputa pela escolha dos traços identitários.

¹² Municípios em questão: Cidade Ocidental e Valparaizo.

¹³ João Antonio de Araújo funcionário do Departamento de desenvolvimento agrícola e pecuária, entrevistado em 15/11/2005

O território do cotidiano define-se assim por um lugar onde age o indivíduo tornando humana a sua vida. Somos seres sociais, existimos como humanos por que pensamos, nos construímos e partilhamos o mundo com os outros. Somos não apenas produtos do meio social, mas somos parte de um grupo social. “Dialoga o cotidiano com o estranho e o diferente, mas é somente diante destes que se reconhece.”

Ao longo da pesquisa percebemos o cotidiano como “guardião das tradições”, isto é: verificamos o quanto práticas corriqueiras nos remetem ao passado, principalmente numa comunidade agrícola onde o tempo parece passar mais devagar e as tradições tendem a permanecer, aparentemente alheias à fugacidade do mundo dito “pós moderno”¹⁴.

“Assim, o cotidiano pode ser o ponto de partida da interpretação histórica; a sua percepção na interpretação histórica depende da observação dos acontecimentos diários a partir de um olhar invertido: aquilo que parece irrelevante para representar uma dada realidade, é ali que se revela o histórico, em seu ponto de partida; há algo de empírico na investigação histórica do cotidiano; as técnicas da história oral e a “descrição densa” – uma etnografia – podem fazer se revelar o esquecido na história. Sua importância? O fato histórico não paira no ar. Pertence ao mundo do cotidiano, foi ali gerado e o seu retorno a este território é que lhe confere sentido; mais que o curioso e o novo olhar que concede à história, o cotidiano revela o quanto ela é humana, marcada pelo esforço da afirmação do humano em nós e a sua incerteza. Este, o conflituoso território do cotidiano.”¹⁵

É exatamente nas atividades do dia-a-dia que encontramos o que buscávamos : as culturas e tradições de matriz africana. Ao adentrar nos espaços ocupados pelas mulheres do Mesquita, encontramos mulheres fortes que lutam por seu território, por

¹⁴ O conceito de pós-moderno ou modernidade tardia diz respeito as sociedades contemporâneas e o sistema mundial que passam por processo de transformação social muito rápido e profundos que põem definitivamente em xeque as teorias e os conceitos, os modelos e as soluções anteriormente considerados eficazes para diagnosticar e resolver as crises sociais.

¹⁵ DESDEDITHI, Junior, **O território do Cotidiano**. Publicado em: www.historianet.com.br, acessado em 30/08/2005

sua cultura, pela educação de seus filhos, por melhores condições para sua comunidade. Ao longo do artigo algumas delas se farão presentes por intermédio de suas “falas” registradas ao longo da pesquisa.

E foi no território do cotidiano que as entrevistas foram realizadas, sempre abertas¹⁶, foram realizadas nas casas das mulheres, em seus espaços, durante suas práticas, podemos assim conhecer as práticas das mulheres-mães-trabalhadoras-filhas-professoras, e tantos outros papéis que elas desempenham.

Conhecemos mulheres de muita fibra como Sandra Pereira Braga, a presidente da Associação de Moradores, que lutou pelo reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombo, o que possibilitou que durante o período em que pesquisávamos, pudéssemos ler no Diário Oficial o reconhecimento pelo INCRA e Fundação Palmares. Conhecemos também jovens com grupos musicais que resignificam em suas letras, a cultura local e professoras que tentam implementar propostas para uma educação de (re) conhecimento e (re) valorização das tradições da comunidade.

Durante o período destinado às entrevistas foi possível participar da Folia de Reis e da Folia para Nossa Senhora da Abadia, acompanhar a colheita do marmelo e os trabalhos¹⁷ desenvolvidos na única escola da comunidade¹⁸. Esta convivência tornou possível experienciar a cultura local, suas formas de resistência e transmissão.

As folias: a celebração da comunidade e da religião

Eu gostaria tanto de mostrar
O encanto magistral da natureza
Seus olhos iriam deslumbrar
Ao contemplar assim tanta beleza
A passarada no romper do dia
Gorjeia em forma de oração

¹⁶ As entrevistas poderiam acontecer principalmente de duas formas: fechadas e abertas, no primeiro caso o entrevistado responderia as perguntas feitas e eles, e no segundo (o que optamos) as entrevistas eram abertas o entrevistador apenas sugeria temas, como por exemplo: infância, as folias e trabalho.

¹⁷ Devido a esta pesquisa, outras estudantes tiveram contato com a comunidade e estamos desenvolvendo um projeto de Comunicação comunitária com os jovens, com a intenção de resgatar, (re) significar e (re) valorizar a cultura local sobre a qual pouco se tem escrito, pretende-se a partir do projeto, fundar uma radio comunitária gerida pelos próprios moradores.

¹⁸ Centro de Ensino Fundamental

O galo no poleiro anuncia
Um outro amanhecer no meu sertão.

Revoam sobre a relva verdejante
Lindas borboletas multicores
Veloze colibris a todo instante
Não cansam de provar o mel das flores
Cenário de raríssimo esplendor
Recanto de amor paz e união
Parece que o divino criador
Também reside aqui no meu sertão¹⁹

A folia representa o ciclo da Santíssima Trindade, é uma festividade comum a todas as cidades do Goiás e entorno do Distrito Federal representando um momento de fé e de comunhão da população. Dona Antônia demonstra isso quando diz:

“Eu dou pouso lá em casa todo ano na Folia de Nossa senhora da Abadia, meus filhos giram²⁰, nela...”²¹

Aos cavaleiros da folia são oferecidos os pousos, o pouso é uma grande festa, realizada à noite, com um banquete e é oferecida a casa para que todos os cavaleiros possam dormir (pousar). A folia tem sua lógica própria e reflete as divisões de gênero presentes na comunidade:

“Antigamente mulher não girava não, hoje já tem muita, as filhas do seu Francisco mesmo giram as três, na Folia de Reis, eu acho que mulher não tem que girar não, isso é coisa de homem, eu num acho bonito não”²²

Quando ela diz *eu dou o pouso*, percebe-se o espaço da mulher como o espaço doméstico, mais que isso : só pode dar quem é de alguma forma dono, e ela é dona da casa, que pode ou não “dar pouso”. Nas comunidades agrícolas é reservado o espaço

¹⁹ Aquarela Sertaneja Tião Carreiro e Pardinho Composição: Luiz de Castro/Tião, cantada em um dos pousos da Folia de Nossa Senhora da Abadia.

²⁰ Para explicar a “gira” é preciso explicar primeiramente a folia, a folia é uma espécie de procissão e novena em que os devotos (os foliões) durante os dias que compõem a folia seguem em devoção a um santo. Para cada dia há uma casa que sede um pouso (que seria a dormida), e para tal, os foliões são recebidos com uma grande festa, muito comida, bebida e musica, é parte do pouso também que os foliões abençoe a casa e seus moradores. Girar é sair como folião.

²¹ Antonia Pereira Braga

²² Antonia Pereira Braga.

doméstico às mulheres, porém mais que o espaço doméstico a elas pertence a cozinha, a este respeito, Heloisa Capel aponta em artigo,

“ Surpeendo-me ao visitar, pela primeira vez, uma casa de fazenda colonial em Goiás. Entro pela cozinha e admiro os utensílios expostos: tachos de cobre e panelas brilham nas prateleiras dispostas pelo espaço. Nos armários, compotas de doces, cuidadosamente preparadas com frutas regionais. Hospedo-me por alguns dias e percebo a dinâmica dos afazeres da dona de casa. Suas atividades giram em torno da cozinha(...) observo que a cozinha é o coração da casa.”²³

A fala de dona Antonia assinala a cozinha, o privado, o interno como espaço feminino, pois, dar o pouso é principalmente oferecer o jantar a todos os foliões e à comunidade que comparece à folia , é ela, junto com as outras mulheres da família, que preparam tudo para na véspera da Folia.

As mulheres participam das festividades das folias, no entanto durante muito tempo não dançavam catira²⁴, não giravam, não cantavam²⁵, mas como Dona Antonia deixa claro, a mulher passa a participar dos outros espaços da festa, quando diz *antigamente mulher não girava não, hoje já tem muita*, agora, as mulheres podem também expor sua devoção aos moldes dos homens da comunidade, ainda que as donas Antonias possam não achar bonito.

Um dos foliões da Folia do Divino Espírito Santo fala sobre a mulher na folia:

“Mulher pode girar sim, mas só se o dono da folia deixar, já girei com uma mulher, mas era o dono da folia que deixa (..) acho que mulher não gira por que a gente dorme no mato, toma banho de córrego, se ajeita em qualquer lugar, por que o pouso é na verdade para o santo né? Não tem espaço na casa para todo mundo ficar, é o santo que fica na casa, a gente fica em qualquer lugar, arma rede, ou se ajeita no chão.”²⁶

²³ CAPEL, Heloisa, Cozinha como espaço do contra poder feminino In: **Fragmentos da Cultura**. V. 14 n.6 Goiania: IFITEC, 1991. pp. 1184

²⁴ Dança tradicional

²⁵ A cantoria das “modas de viola” também era uma prática predominantemente masculina.

²⁶ José Roberto Meireles. Entrevistado em 30/05/2006.

Desnecessário assinalar que as mulheres só podem ultrapassar as fronteiras do privado e ocupar algum lugar no espaço público se, e quando autorizadas por um homem (ou grupo de homens), querer girar ou ter devoção não são suficientes para legitimar a presença das mulheres. Sob uma suposta proteção devida às mulheres, vemos a desqualificação das mesmas enquanto sujeitos, Joelma Rodrigues esclarece:

A “inocência” idealizada, imposta e exigida é usada como instrumento de opressão sobre o inocente. Se pensarmos em relações generizadas, a defesa da “inocência” das mulheres e crianças é o solo onde se encontram fixadas sua exclusão, submissão e violação. Isto só é possível por um mecanismo que associa inocência a incapacidade, debilidade, incompetência e dependência. Na verdade, a mulher/menina adjetivada como “inocente” tem negados os meios que lhe possibilitam conduzir-se no mundo. A condição de “inocente” tece a trama que as mantém presas ao privado, ao pai/marido.²⁷

O espaço da cura: sabedoria e fé

A tradição da cura é um outro espaço importante para a preservação da cultura, e é nesse espaço que o conhecimento dos africanos, índios e portugueses mais se misturaram. Uma das faces da cura é a benza²⁸ que cura não apenas os males do corpo, mas também os provenientes de “mal olhado” entre tantos outros males. A fitoterapia é uma das mais conhecidas e praticadas formas de cura tradicional nas comunidades rurais e cidades de pequeno e médio porte existentes no Brasil:

“No mato tem remédio para tudo, tem quebra-pedra para dor, tem sete-dor, cidreira, e a gente aproveita tudo”²⁹

Já havia entre índios e africanos, enorme e variado conhecimento a respeito da flora tropical e o contato entre eles fez ainda mais fértil o uso de plantas. Não

²⁷ Joelma Rodrigues, “ Sobre mulheres e destino”, Revista Padê: estudos em filosofia,raça,gênero e direitos humanos, ano 1 numero 1, Brasília:UniCEUB,2006.

²⁸ Benzer é não apenas medicar mas inclui também rezas, palavras específicas para os mais diversos males.

somente as comunidades rurais negras farão uso freqüente desta forma de medicina, bem como nos espaços urbanos brasileiros. Benzedeadas podem ser encontradas em quase todas as cidades brasileiras, como diz dona Jeronima:

“Antigamente a gente chamava a benzedeadas para benzer os meninos logo depois que o umbigo caia, hoje quais não se faz mais isso.”³⁰

E elas possuem cura não apenas para males da saúde física, mas também espiritual:

“Benzedeadas serve para muitas coisas, se a pessoa esta doente ai depende também do que a pessoa esta sentindo, por que ela pode também curar de mau-olhado, de vento caído³¹ de criança, livrar de encosto.”³²

Práticas como essas, de benzer as crianças, são, ainda hoje no Brasil, realizadas. A benzedeadas, com seus conhecimentos sobre as plantas e suas palavras de cura e proteção, remete-nos as raízes africanas dessas práticas, a este respeito, Terezinha Bernardo informa que:

“Entre os africanos e seus descendentes, a utilização das folhas simultaneamente à força da palavra, muitas vezes tem o sentido de cura (...) colocando lado a lado Omulu³³ e Ossain³⁴, senhor bosques e das ervas.”³⁵

O pouco mais de um ano de pesquisa na comunidade permitiu-nos conhecer um povo de muita luta e fibra, mulheres que consigo trazem séculos das lutas das populações negras no Brasil. As descendentes das três primeiras forras que fundaram o povoado lutam diariamente para preservar suas raízes tendo que competir com a mutilação

²⁹ Dona Jerônima de Braga, entrevistada em 12/11/2005.

³⁰ Idem.

³¹ Mal que acomete crianças que ainda não foram batizadas, ou seja, ainda pagãs.

³² Edith Gomes de Oliveira. Entrevistada em 20/01/2006

³³ Omulu, o “Filho do Senhor” é o deus da varíola e das doenças contagiosas, é ligado simbolicamente ao mundo dos mortos, este orixá tanto castiga com doenças como cura os males.

³⁴ Ossain (Osanyin) é o orixá das folhas medicinais e litúrgicas, nenhuma cerimônia pode ser realizada sem sua presença uma vez que é ele o detentor do axé – o poder – imprescindível aos outros deuses.

³⁵ BERNARDO, Terezinha. **Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Aleketu**. SP/EDUC, RJ/Pallas, 2003. pp. 76

de seus territórios, com o racismo, com a falta de oportunidades, no entanto, salta aos olhos a determinação dessas mulheres em não perder a forma amorosa que possuem de educar seus filhos, trabalhar, festejar e pedir a deus por um futuro melhor. São assim as mulheres que encontramos no Mesquita, são assim as mulheres que nos receberam e que responderam as nossas demandas e “curiosidades”, são assim nossas irmãs.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai : a África na filosofia da cultura.**RJ, Contraponto, 1997.
- ARANTES. Antonio Augusto,(org.), **Colcha de Retalhos** : estudos sobre a família no Brasil. S.P., UNICAMP , 1993 .
- ARENDR. Hannah. **A condição humana.** Cia das Letras, 2000.
- ARRUDA. Angela (org.). **Representando a Alteridade.** Petrópolis, Vozes, 1998.
- BERKENBROCK, Volney J. **A experiência dos orixás : um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé.**Petrópolis,RJ, Vozes, 1997.
- BERNARDO, Terezinha. **Negras, mulheres e mães : lembranças de Olga de Aleketu.** SP/EDUC, RJ/Pallas,2003.
- CADERNOS AEL. **Mulher História e feminismo.** IFCH/UniCamp, SP, 1995/1996.
- CAPEL, Heloisa, Cozinha como espaço do contrapoder feminino *In: Fragmentos da Cultura.* V. 14 n.6 Goiania: IFITEC, 1991. pp. 1184
- CARNEIRO, Edison.**Antologia do negro brasileiro,** RJ, Ediouro,s/d.
- CARNEIRO, Fernanda. *Nossos passos vem de longe.**In: WERNECK, Jurema (org).***O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe.** RJ, Palla/Criola,2000.p.24
- CAROSO,Carlos & BACELAR, Jéferson (orgs.).**Faces da tradição afro-brasileira.**RJ/Pallas, Salvador,Ba/CEAO,1999.
- Comissão pró-índio de São Paulo:
http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/oque/home_oque.html, acessado em 2001/2006.
- DAVIS, David Brion. **O problema da escravidão na cultura ocidental.**RJ, Civ. Brasileira, 2001
- DEUSDEDITH, Junior, **O território do Cotidiano.** Publicado em: www.historiant.com.br, acessado em 30/08/2005.

- FERNANDES, Florestan. **Significado do protesto negro**. SP, Cortez/Autores Associados, 1989.
- FLORENTINO, Manolo & GÓES, Jose Roberto. **A paz das senzalas : famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, c.1790-c.1850**. RJ, Civ. Brasileira, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **L'ordre du discours** Paris, Gallimard, 1971.
- _____. **Microfísica do Poder** 10 ed. R.J., Graal, 1992.
- GUARESCHI, P. e JOVCHELOVITCH, S. (org.) **Textos em representações sociais**, Petrópolis, Vozes, 1994.
- HARAWAY, Donna J.. **Ciência, Cyborgs y mujeres. La reinvençión de la naturaleza**. Madri, Ediciones Cátedra/Univ. de Valência/Istituto de la mujer, 1991.
- JOAQUIM, Maria Salete. **O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra**. SP/EDUC,RJ/Pallas, 2001.
- JODELET, Denise. **As representações sociais**, RJ, EdUERJ, 2001.
- LARROSA, Jorge & DE LARA, Núria Perez. **Imagens do outro**. Petrópolis, Vozes, 1998.
- MANGUINEAU, Dominique. **Termos -chave em análise do discurso**. 1999.
- MOURA, Clóvis. **Africa & Brasil**. In: Quilombos do Brasil, Revista Palmares nº5. Fundação Cultural Palmares/MinC, Brasília, 2000.
- NAVARRO-SWAIN, Tânia. (Org.) **História no Plural**, Ed UnB, 1995.
- OLIVEIRA, Leinad Ayer de. *Identificação dos remanescentes das comunidades dos quilombos*. In: SUNDFELD, Carlos Ari (org.) **Comunidades Quilombolas: direito à terra**. Brasília: Fundação Cultural Palmares/MinC, Ed. Abaré, 2002, p.69-86.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli, **Terra à Vista !** Discurso do confronto : velho e novo mundo, S.P., Cortez Ed., 1990.
- _____. **As Formas do Silêncio** : no movimento dos sentidos, S.P., UNICAMP, 1993.
- _____. **Análise de discurso**, Pontes, SP, 1999.
- PRANDI, Reginaldo. **A mitologia dos Orixás**. SP, Cia das Letras, 2001.
- REZENDE, Claudia Barcellos & MAGGIE, Yvonne (orgs.). **Raça como retórica: a construção da diferença**. RJ, Civ. Brasileira, 2001.
- RUSSEL-WOOD, A.J.R. **Escravos e libertos no Brasil colonial**. RJ: Civilização Brasileira, 2005. p.34.
- THEODORO, Helena. **Mito e espiritualidade : mulheres negras**. RJ, Pallas, 1996.
- WEIGMER, Rodrigo de Azevedo e outros. **Comunidade Negra de Morro Alto. Historicidade, Identidade e Territorialidade**. Rio Grande do Sul. Editora UFRGS, 2004
- WERNECK, Jurema (org.) **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. RJ, Palla/Criola, 2000.